



Vale do Amanhecer 3 de Outubro  
Carta Aberta nº 4 1977 ①

Salve Deus!

Meu filho faquer:

Esta carta tem um sentido mais profundo de amor, porque tudo comecei da maneira mais original que já senti, vi, e ouvi, em toda minha vida. Deus fez o homem para viver um anos neste mundo, e ser feliz no livre arbítrio onde ninguém é de ninguém; na liberdade total da alma que aspira nas afinidades do sentimentalismo, onde o Sol e a Lua, a Chuva e o Vento, tão distintamente controlados agitam.

Assumimos o compromisso de uma Encarnação, e juntos partimos, não só pelas divindades em reafusão, como também pelos prazeres que este Planeta nos oferece. Sim, estando no Espaço, devido na Terra <sup>nos</sup> sentimos desolados e inseguros porque estamos ligados pelas Vibrações contraias. E neste exemplo Jesus nos afirma, que só reafustamos por amor. Tudo começou assim: Viajava para uma estação de águas, e na velocidade do carro, uma linda Mulher marcando mais ou menos dois anos de desu



Corrada, emparelhou do meu lado e<sup>2</sup>  
como se estivessemos parados começou  
a contar sua vida que muito me  
impressionou pela maneira natural.  
Morava na cidadezinha por onde  
eu passara, e que amava perdidamen-  
te seu esposo Antônio, era como se chamava.  
Porém, perdia a segurança e comecei a  
saber e fazer-lo saber, me inimizei com  
toda a família. Possia a viver num  
supremo terrível; se saíssemos  
para uma festa e ele estivesse  
alegre e feliz, eu começava  
a me torturar e acabava  
por manifestar qualquer  
mal, contando que ele se  
sentisse infeliz e, estando  
triste eu começava tam-  
bém as minhas suspeitas.  
Doei como martirizei a vida  
do meu pobre Antônio; sim, de  
toda sua família. Não tive  
filhos, porque filhos me  
spovariam, não me dariam  
tempo de correr atrás do  
meu marido. Pensava

nos conselhos de minha sogra,<sup>3</sup>  
Conselhos tão queridos que  
davam mais suspeitas, até que  
rompi com toda família.  
Então Antônio começou a  
mentir-me. um dia vi cower-  
tando com uma moça que  
havia sido sua namorada;  
fiz um escândalo terrível.  
Porém, desta vez ele permaneceu  
numa atitude afirmativa,  
e eu tive medo. depois ele  
disse num tom firme:

De hoje em diante irei todos  
os dias na casa de minha  
polara Mãezinha que você  
destruiu - Você não me impedi-  
rá! sim, foi como se o mundo tivesse  
acabado para mim, parecia um  
outro homem a sua personali-  
dade que eu não conhecia. desde então  
fui perdendo o controle e agora  
sintia imenso o que havia per-  
dido. toda minha arrogância, sem  
recursos para lutar, pois  
só temos forças quando  
estamos na lei do auxílio





amando ou por missas, ④  
porém, não como eu, odiando!  
Comecei a sentir saudades do  
que havia perdido, chegava  
perto dele e apesar de sua tris-  
teza, ele sempre me correspon-  
dia. Pudei ter um filho, pois  
era o seu ideal. fomos ao  
médico; este, um velho conhe-  
cido, disse com a intimida-  
de que tínhamos, que um filho  
não encomendamos quan-  
do queremos, e disse mais,  
que pela minha espandei-  
za, falta de controle, eu havia  
me descontrolado e precisa-  
va de tratamento e religião.  
Sei daí pensando: como recu-  
perar o que estava perdido?  
propus pedir perdão a minha  
sogra, porém ele me adver-  
tiu que minhas cunhadas  
ainda estavam sentidas  
demais comigo. Não deve-  
ria então chegar até lá.



Fiquei isolada, porém ele sem-<sup>5</sup>pre meigo, cavalheiro comigo. Ele realmente me amava.

Tínhamos uma fazenda perto dali e ele todos os dias ia trabalhar sem a mínima vigilância. Dois anos que eu já havia me moderado, Antônio veio me pedir uma assinatura para vender uma fazenda. Fazenda? eu não a conheço, como você comprou? sem me dizer nada, quem mora lá? Quem são as pessoas? Meu Deus! não há ninguém, afirmava ele! Vou lá antes de você vender! não! Chegue disse ele; não suporto mais e, quer saber? não quero mais sua assinatura! ele foi saindo. Anterior o nosso vaqueiro, contou tudo que estava se passando: Contou a professora e ex-moradora do meu marido, estava lecionando em uma fazenda vizinha e disse mais: ela não é amante dele, eles apenas se queixam<sup>de</sup> suas infelicidades. Porque D. Cilva, se referindo



a mim, o Sr. Antônio, eu já o vi ⑥  
sair daqui chorando, muitas  
vezes dizendo: se eu não amasse  
tanto Célia, eu um dia saía de-  
qui e não voltaria mais. Chega,  
gritei! Não quero mais ouvir!  
Então fui embora e eu saí corren-  
do até a casa da minha sogra,  
porém Deus não deixou que eu  
a fizesse sofrer mais. Uma camionete  
me atropelou. me levaram  
para o hospital onde vim a  
morrer, não falava porém via  
todos: minha sogra, meu Mari-  
do e algumas cunhadas. Meu  
Marido chorava com resig-  
nacao; o padre veio, e me deu  
a extrema-unção. foi só o que  
me lembrei. E por muitos  
anos comecei a vagar, sempre  
me lembrando das pala-  
vras da Extrema-unção: resuscita  
os mortos! então tinha  
medo de me afastar do Ami-  
xório e perder a oportuni-  
dade. não me encontrei com  
nem um morto que fosse





meu conhecido, apenas um ⑦  
Índio insistindo para  
que eu deixasse meu marido.  
em fim, que eu abandonas-  
se o meu mundo; a aquela  
cidade onde era tudo para  
mim, onde eu ainda tinha  
esperanças. Todos os dias  
pela madrugada, um silvo  
muito grande nos despertava  
e eu ficava na expectativa  
da resurreição, e como seria  
se eu não conhecia nada  
que pudesse acreditar. Porém  
a minha mente já estava  
tão abastada a crer nas  
muitas colúmbias, natural-  
mente, foi o fenômenoabi-  
tual. Este Silvo vinha de um  
lindo homem vestido como  
um Romano Centurião, a  
companhado de uma linda  
mulher Romana; diziam coisas  
lindas, levavam as pessoas junto  
com eles, porém somente eu  
não me conhecia.



um dia chegou um enterro,  
pensei, quem seria? Sete dias  
depois do enterro che-  
gou Lázinha, uma mulher que  
se havia perdido, e sempre esta-  
va presente nos nos Vinhos e eu  
quis fugir como sempre,  
ela então me enfrentou: Céla,  
aqui também? Este é o mundo  
que não pode existir orgulho,  
e com o mesmo civismo me  
desafiava com o olhar e para-  
mente começou a contar o que  
havia sucedido: Dantoné Via-  
jou; Snácio seu cunhado  
quase matou "Zéca", o chofer  
da camionete que te matou.  
depois amatonando: sabe, eu  
vou embora daqui sim... uma  
coisa muito folhada na  
cidade; ninguém veio do  
seu enterro. Sim, pensei, no  
entanto no seu, Lázinha, foi  
tanto gente! Há! disse: graças  
a Deus nunca "infernei" a vida  
de ninguém, nem nunca





levantei colúnia de ninguém  
nem mesmo condenei Fulsêcio que  
me desonrou. meus pais me botaram  
para fora da Fazenda, sóri, porém  
não condenei ninguém. Hoje todos  
estão arrependidos e eu sai bem  
com todos, e agora vou me embora.  
para onde? misto um Índio, que  
se dizia Chamar Tucumã, foi  
levando-a pela mão. comecei a gritar:  
ressurreição! ressurreição! espero a  
ressurreição... Não há ressurreição... não  
é para uma Cínica como eu  
Oh! meus, como pude viver apan-  
do e colonizando as pessoas. o que  
fiz?... misto vi ao longe, lá na mi-  
na sepultura, Bmídia e Antônio  
afaelados, colocando uma Rosa  
vermelha na sepultura, dizendo al-  
gumas palavras. fiquei onde estava  
e pela primeira vez senti aliviada  
Bmídia que tanto coluniei...  
Logo, que saíram corri  
para lá e abracei a minha Rosa,  
a última esperança na Terra. pedi-  
do a Deus por Bmídia e Antônio,  
nada me valeria a ressurreição.  
Esta Rosa é minha última esp-  
rança de um Perdão. se



Ómnia me perdoa todo o mundo<sup>10</sup>  
me perdoará! Fiquei ali extasiada,  
não sei por quanto tempo,  
Até que Tucurus, o mesmo Índio  
que levou a Sábua, me entregou  
à senhora, Tia Cleiva!

meus filhos, eu então lembrei-me  
do que ensino: a minha missão  
é o meu sacerdócio.

mesmo naquela viagem de ida  
e de volta eu era a mesma  
sacerdotisa dos tempos.

Ómeamundia com amor  
Ó com o mesmo amor vos entreguei  
meus olhos, que somente fêbo e  
testemunha se por vaidade eu me afastar  
um dia. Carinhosamente, a Mãe  
em Cristo Tia Cleiva

  
Trino Sumana  
  
Trino Sumana